



NUTRIÇÃO, COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR

André G. Cintra (MV, Prof. Esp.)

Autor dos livros "Alimentação Equina: Nutrição, Saúde e Bem-estar" e "O cavalo: Características, Manejo e Alimentação" e coautor do livro "Manual de Gerenciamento Equestre: Textos, Tabelas e Planilhas"

Contato: agcintra@gmail.com • Site: www.andrecintra.vet.br • Instagram @andregcintra • YouTube André G. Cintra



Figura 1: Uso inadequado de embocadura

ARQUIVO PARTICULAR DO AUTOR

VIOLÊNCIA JUSTIFICADA ... É POSSÍVEL?

O cavalo evoluiu até chegar ao que é hoje desde longínquos 55.000.000 de anos, transformando-se de um animal de 40 cm de altura até o garboso e belo animal que é hoje.

Apesar desta sua evolução em tamanho e altura, desde estes tempos imemoriais o cavalo baseia sua vida em alguns preceitos evolutivos que lhe permitiram sobreviver com eficiência.

A maioria destes preceitos são oriundos da busca pela sobrevivência, como a convivência em bandos e o desejo pela liberdade que permite correr de seus algozes.

O cavalo sempre viveu em manadas e em liberdade, mas criando uma hierarquia social de forma que um animal assume o papel de líder dominador, dependendo da situação, com papel bem definido para que não haja conflitos entre seus pares. Essa hierarquia é estabelecida por critérios de força, idade, experiência, coragem etc. A presença do denominado líder alfa faz com que o rebanho tenha seus caminhos e atitudes de sobrevivência guiados de forma a permitir a melhor integração e convivência possível. Em tempos de paz e tranquilidade, em geral, essa posição cabe à égua mais velha e mais experiente que será a responsável

pela escolha dos melhores locais para o rebanho. Quando o rebanho for ameaçado, essa posição será tomada pelo garanhão reprodutor, que imediatamente assume a posição para levar os animais a um porto seguro, ou então partirá para defender o rebanho.

Entretanto, a questão da liderança é algo flutuante, sendo o líder aquele que pode propiciar ao rebanho melhores condições de sobrevivência, onde, em situações específicas, determinado animal que tenha melhor conhecimento, assume esse papel, passando o bastão adiante conforme a necessidade muda e a experiência de outro membro do rebanho seja mais eficiente.

O conhecimento desta hierarquização do mundo equestre, assim como de todas as informações possíveis do comportamento e atitudes dos equinos, nos permite usufruir e compreender melhor o mundo dos cavalos e desta forma desfrutar de seu máximo potencial.

Se um cavalo depende de seu líder alfa para indicar o que fazer e não reconhece esse líder alfa, ele tende a assumir essa posição. Isso se torna fundamental em nossa lida diária com os

cavalos, pois, a todo o momento, o cavalo buscará reconhecer em nós essa liderança e, muitas vezes, coloca em dúvida essa posição buscando assumir o controle. Então dependerá de como agirmos, para manter nossa influência, de forma, não a submetê-lo a nossos desejos, mas sim, fazer com que aceite essa nossa liderança sem mais questionamentos, sem buscar a submissão através da punição, mas sim buscando a submissão pela aceitação incondicional de nossa liderança buscando utilizar as ferramentas de comunicação que o próprio animal utilizaria com os seus, que vem pela confiança em nossas atitudes para com ele e o meio em que vive.

Outro fator importante a ser levado em consideração é que a 3ª lei de Newton da física também pode e deve ser aplicada aos cavalos. Essa lei diz que “para toda ação aplicada a um corpo, esse responderá com a mesma intensidade em sentido oposto”. Para os cavalos, podemos dizer da seguinte forma: “O que se fizer aos animais, este responderá na mesma forma e mesma intensidade. Se o tratares bem, assim serás correspondido. Se o maltratares, em dado momento, assim ele o fará contigo.”

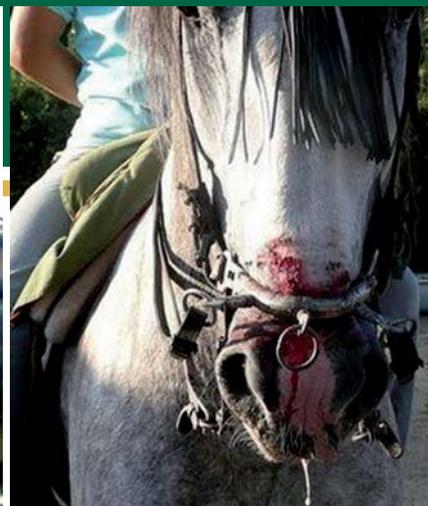
Essa breve introdução com base científica e em estudos do comportamento do cavalo e sua interação com o mundo foi feita de forma a poder chamar a atenção para a desnecessária violência a que frequentemente nossos amigos equestres, e clientes, são submetidos. Violência essa cometida por “gente do cavalo”, que vive do cavalo, para o cavalo e que se beneficiam financeiramente destes animais.

Vide o recente caso do pônei ‘corrigido’ por um cavaleiro olímpico, onde foi utilizada violência desnecessária. Aliás, remetendo ao título, existe violência justificada? No caso do pônei, tentou-se de toda forma justificar a violência, pois o animal havia mordido a filha do cavaleiro. Violência gera violência... sendo assim, nenhuma forma de violência deve ter justificativa, exceto para arrumarmos desculpa pela própria ignorância.

Pode até ser que essa violência seja causada por pura ausência de conhecimento, mas o que vemos ainda é a falta de regulamentação, fiscalização e, em verdade, muitas vezes de interesse em se coibir esses abusos contra os animais. Abusos muitas vezes implícitos, outras vezes explícitos.

Estamos aqui falando da violência cometida e vista a céu aberto em eventos equestres de quase todas as raças de equinos, quer sejam eventos de morfologia como eventos esportivos. E os juízes, árbitros, organizadores e as associações que apoiam e muitas vezes são responsáveis por esses eventos pouco fazem para melhorar e preservar a saúde dos cavalos. Mesmo na condição atual, onde se tem o juiz de bem-estar animal, onde se estabelecem regras, ainda assim, ou estas são brandas demais, onde violência é presença de sangue (e o problema é muito mais profundo que isso) ou não se fiscaliza de forma correta, visando o animal. Muitos dizem que se forem rigorosos, estraga o espetáculo ou o pessoal não vai mais participar do evento.

Cabe ressaltar que em todas as raças e associações existem sim pessoas que se preocupam, que cuidam dos animais da forma correta, mas infelizmente, muitas vezes, sua voz parece se perder na multidão que fere os animais.



Figuras 2 e 3: Invenções humanas e violentas contra os equinos



Figura 4: Uso inadequado de embocadura



Figura 6: Lesão na língua por uso inadequado de embocadura

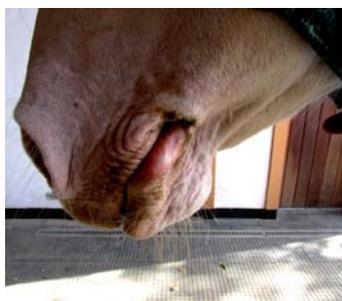


Figura 5: Lesão na comissura por uso inadequado de embocadura

Apenas para citar alguns, o uso indiscriminado de esporas com rosetas pontiagudas e freios com grandes pernas em algumas raças de esporte, por exemplo. Essas ajudas, quando bem utilizadas por ginetes experientes podem servir para mostrar ao cavalo o que deve ser feito (apesar de existirem técnicas menos intensas). Mas o que vemos em muitos eventos são cavaleiros sem a mínima preocupação na dor e mal que isso causa aos animais. Algumas entidades, em eventos oficiais já há algum tempo, fiscalizam os animais antes e depois das provas de forma a observar a presença de lesões nos animais e coibir os abusos. É uma excelente atitude, mas o absurdo é ter gente, que se diz do cavalo e que precisa ser fiscalizada para não machucá-lo.

Já vi o mesmo ocorrer em eventos de raças de marcha. Cavalos sangrando pela boca, pelo uso errôneo de freios mais pesados que o necessário, nas mãos de quem não o sabe usar. Felizmente, isso ainda não é moeda corrente nessas raças. Ainda. Veja nas **figura 1 a 6** o que o mal uso de uma péssima embocadura pode causar no animal.

Em exposições de morfologia de outras raças de marcha, muitos apresentadores preparam seus cavalos na chibata antes de entrar em pista, onde seus animais deverão ser apresentados em estação (parados). A desculpa é que devem estar atentos. E os juízes ressaltam essa “atenção”, como animal “esperto”. Pobres cavalos.

Ao inquirir apresentadores de determinada raça do porquê fazer esse “preparo”, a resposta foi “ele sabe”. Diz que o animal vem de linhagem de pais ruins, e que apanham apenas para garantir que na pista eles devem se comportar. Ora, como o animal pode se comportar se apanha? Qual a reação que deve advir se a ação foi bater?

Em uma nacional de uma grande raça, a qual proibiu a entrada de apresentadores com chicote ou similar em pista para coibir essa violência, observamos a “esperteza” destes apresentadores. Entram agora com guia de mais de três metros, de forma a ficar em rodando-a e poderem utilizar para “acertar” o cavalo em sua posição correta para a morfologia. E os juízes adoram observar os cavalos ‘atentos’ valorizando isso sem se atentarem que essa atenção foi conseguida na base da violência. Ou sem se preocuparem.

Em outro evento, em uma prova funcional, diversos ginetes estavam a chicotear e maltratar seus cavalos antes de entrar em pista, somente parando quando determinado expectador e criador foi chamar a atenção dos juízes pela crueldade a que os animais estavam sendo submetidos. O juiz então, e somente então, chamou a atenção daqueles que maltratavam os animais, proibindo de entrar em pista se assim o continuassem.

E isso tudo foi à vista de todos. Imaginem nos bastidores. Imagine nas propriedades, centros de treinamento, haras e fazendas. Isso ocorre com frequência inimaginável, e totalmente desnecessária.

E isso atinge níveis e proporções grandes quanto maior for o envolvimento financeiro. Há algum tempo saiu em diversos órgãos de imprensa que a equipe olímpica de um tradicional país do meio equestre foi dissolvida por envolvimento de quase todos os membros em doping dos animais. Isso também é uma violência cometida contra eles. Faz-se o doping para obrigar o animal a fazer algo além de suas forças, além de sua capacidade. E ele paga caro por isso, muitas vezes com a própria vida.

Na Bolívia assisti a uma corrida de cavalos, onde três dos cinco animais envolvidos sofreram de sangramento das vias respiratórias por uso de substâncias que os fizeram correr além de sua capacidade.

E o que dizer de colegas veterinários que fazem uso indiscriminado do cachimbo, contenção pela orelha, pela paleta, ou outros métodos de contenção dolorosos ao animal para realizar um simples exame, curativo ou aplicação de medicamento. Não digo em casos em que o animal está com cólica, p.ex., e a dor é tão intensa que não nos permite sequer chegar próximo para aplicar um medicamento que, momentaneamente irá aliviar o sintoma. Em casos em que o mal menor é a contenção, pode ser desculpável. Digo na rotina diária mesmo, onde o cachimbo já fica pendurado ao lado da baia sem sequer dar chance ao cavalo nas mãos de alguém mais paciencioso e preocupado com o animal.

Mas será que isso também é importante para a saúde do animal? Certamente. Tratar animais com violência, gera estresse. Estresse compromete o sistema imune e digestório (como já citado em colunas anteriores), comprometendo o retorno do animal ao estado de saúde. Então, agressão ou falta de paciência com animais na recuperação clínico cirúrgica, compromete a recuperação do animal, comprometendo nossos resultados.

Mensalmente lemos nas páginas de revistas especializadas dicas e comentários de pessoas do mundo do cavalo, que se mostram preocupadas em compreender e entender os animais. Muitas dessas pessoas mostram e provam que a compreensão do cavalo é mais benéfica que a submissão pela força. O cavalo responde melhor. O cavalo vive mais. O cavalo ganha mais. Ganha qualidade de vida e competições.

E certamente nós também podemos ganhar.

Uma renomada estudiosa americana do comportamento animal, Temple Grandin, em seu livro, na “Língua dos Bichos”, diz:

“Se nos interessamos pelos animais, então precisamos estudar os animais pelo bem-estar deles, e nos termos deles, até onde isso for possível. O que eles estão fazendo? O que estão sentindo? O que pensam? O que estão dizendo? Quem são eles? O que precisamos fazer para tratar os animais com justiça, responsabilidade e bondade? As pessoas podem aprender a falar com os animais e a ouvir o que os animais têm a dizer. Essas pessoas são mais felizes que as que não podem. Exercer ou impor a dominância não significa bater no animal até ele se submeter. Exercer ou impor a dominância significa usar o método natural de comunicação do animal”.

Desta forma, ao trabalharmos com um animal, quer seja para provas esportivas, quer seja para provas de morfologia, quer seja na rotina diária ou na recuperação clínico cirúrgica, se o fizermos com calma e tranquilidade, mostrando para o animal o que deve ser feito de forma correta e simples, firme, sem demonstrar qualquer sentimento de agressão ou receio deste animal e fizermos nos valer do conhecimentos do comportamento do animal, de como ele age e interage com o meio ambiente, certamente obteremos melhores resultados e um melhor relacionamento.

Muitos usam o seguinte ditado para nortear as ações e atitudes para com os animais: “Faça com eles o que gostaria que fizesse contigo”. Mas este ditado não é correto; a expressão certa deve ser: “faça com os animais o que eles gostariam que fosse feito para eles”. Mas isso exige melhor compreensão do que são os animais e como se expressam. E todo veterinário, para ser um médico veterinário, deveria buscar compreender melhor o comportamento da espécie que trabalha.

Lembre-se sempre que bons médicos veterinários falam com cavalos. Ótimos médicos veterinários ouvem o que eles têm para dizer.

Prezados colegas, se tiverem sugestão de temas para desenvolvermos em nossa coluna referente a manejo, comportamento, bem-estar e nutrição de equinos, entre em contato: agcintra@gmail.com